

São os interesses económicos que determinam e impõem exclusivamente os acontecimentos.

S. Ferreira

ANO V — N.º 131

SETEMBRO

1

1 9 5 7

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL

O Diário do Governo publicou a portaria que nomeia presidente da Camara Municipal de Loulé o nosso prezado amigo sr. José João Ascensão Pablos que, desde há meses vinha, dedicadamente, desempenhando aquelas funções como vice-presidente. O facto constitui o reconhecimento da forma devotada e desinteressada como o sr. José João Pablos tem servido o concelho e formulando os melhores votos pelo prosseguimento da sua carreira política, desejamos que os louletanos lhe deem todo o seu apoio no período de larga e grave actividade em que o Município vai entrar e em que se destacam a instalação da Escola Técnica e a electrificação do concelho.

A posse será conferida pelo sr. Governador Civil do Distrito, na próxima 4.ª feira, dia 4, pelas 17 horas, no Governo Civil.

Ruas de Salir

DE um anónimo recebemos uma carta em que se lamenta o estado de ruína e de falta de azeite em que diz ter encontrado as ruas da povoação de Salir. Limitamo-nos a mencionar o recebimento da aludida carta aonde, sobre o facto, se fazem considerações de vária ordem mas que não reproduzimos pela mesma razão por que não publicamos a carta — a falta de assinatura.

Contra o pé descalço

A partir do dia 1 do próximo ano, é proibido nas cidades e vilas do Algarve o trânsito de pessoas descalças na via pública. As sanções vão, desde a multa de 5\$00, pela primeira infracção, até a multa de 50\$00 e prisão por oito a quinze dias.

CURRENTe CALAMO

Os intermediários

ESTA palavra «intermediário» já vem de longe, dos clássicos tempos latinos, como tal referida por Cícero, Séneca, Acónio Pediano (éc. I D. C.). Mas é só mais nos nossos dias que o seu uso começou a tornar-se polimórfico e o seu significado a distanciar-se, muitas vezes, da tradicional pureza do sentido de mediania.

E' que hoje há intermediários para tudo. Desde o recado de cada hora até o casamento tudo se faz por meio dos outros, tudo os outros fazem. Fazem, e diversamente, e muito, porque são heterogêneos, e são muitos... quase «todo o Mundo». Aliás a sua actividade tem determinado o desenvolvimento da Lexicologia, que criou ou adaptou formas vocabulares: comissionário, especulador, alcoviteiro, agente, bisbilhoteiro, concessionário... e até padrinho. Sim, que o «padrinho» de outras eras tem agora uma vasta legião de homónimos, os quais igualmente servem para apre-

sentar o «afilhado»... mas já depois do baptismo.

Todos o sabemos. E que vamos dizer? — Fruto da época! Como no Paraíso dos primeiros Pais fruto da época foi a maçã: — todos lá comeram dela, e por ela todos morreram.

Os intermediários fazem diversamente, e fazem muito... A sua heterogeneidade explica que à sombra do mesmo conceito genérico se contemplem um criado, um professor (úteis) uma bibliotecária, um «padrinho» (prejudiciais), e aquela espécie que designaremos por *superfluos*. Poderá opinar-se não haver lugar para meio termo nesta classificação, uma vez que — de um lado os intermediários (*lato sensu*) úteis — todos os outros serão prejudiciais. Consideração possível de assentar na base de que «quem não faz bem, faz mal». Simplesmente, faltaria fazer referência àqueles que, *formalmente* pertencentes ao primeiro Grupo, são na *essência* (Continuação na 3.ª página)

Os louletanos e o Algarve

É frequente ouvir-se, especialmente aos não louletanos, que o Algarve se divide em Sotavento, Barlavento e Loulé...

Tal afirmação tem em regra a caracterizá-la mais ironia do que apreço pela honra dada a Loulé, entendendo-se a expressão com seriedade. Supomos não andar longe da verdade depreendendo porém que tal frase visa apenas realçar o ardor, entusiasmo e persistência postos pela gente louletana na resolução não só dos seus problemas pessoais mas, muito principalmente, na-

(Continuação da 3.ª página)

TEMAS SOCIAIS

Cafés e sua frequência

Houve tempos em que a frequência dos cafés era mais ou menos selecta, sendo estes estabelecimentos bem frequentados por gente limpa e asseada, que entre tinha as suas horas de ócio em conversações amenas e agradáveis, de linguagem correcta e elevada, como mesmo os assuntos que eram versados.

Nesses tempos havia um mínimo de decoro no vestir, de compostura no tratar com o semelhante, de respeito por quem estava, de comedimento na linguagem e na elevação das vozes. Estava-se em sociedade.

Quem hoje frequentar os cafés verificará que enorme diferença se encontra.

Não há asseio nem correcção no vestir.

Qualquer maltrapilho, nojento, de barba hirsuta, sujo de cara e de corpo, com

os fatos em desalinho, rotos e esfarrapados, de fatos de ganga incrivelmente sujos e nojentos onde a água e os detergentes não tiveram acção, o mais vergonhoso possível, numa palavra, repulente, qualquer maltrapilho, dizíamos, apresenta-se nos cafés a qualquer hora do dia ou da noite e, passam oh gentes, são recebidos e servidos.

Uma grande parte apresenta-se assim.

Se acontece travarem conversa é imediatamente em termos desabridos e insolentes, com troca de palavões indecentes e obscenos, como

(Continuação na 4.ª página)

Rádio-Rastreo

O Instituto de A. N. T. vai realizar em Loulé sessões de Rádio-Rastreo. Desnecessário se torna enaltecer a importância de tal serviço, feito gratuitamente a favor da nossa população, limitando-nos somente a chamar a atenção dos nossos prezados leitores para tal facto.

A carta que a seguir publicamos, e que tivemos o prazer de receber do sr. Dr. Armando José Rocheta Cassiano, Director Interino do Dispensário de Loulé do I. N. A. T. é bem explicita e elucidativa:

Ex.º Sr. Director de «A Voz de Loulé»

Na qualidade de Director Interino do Dispensário de

O pão baixa de preço

A partir de hoje, entram em vigor novas alterações no sistema de fabrico de pão, passando todo o pão de tipo pequeno, até ao peso de 333 gramas, a ser fabricado com farinha extra sem qualquer aumento de preço. Pelo novo fabrico é criado um tipo especial em unidades de 500 e 1.000 gramas, que serão vendidas ao preço, respectivamente, de 2\$20 e 2\$40, menos \$20 e \$40 do que actualmente.

O actual pão de 2.ª é que se mantém com todas as suas características de qualidade e preço, ou seja 1\$70 e 3\$30 por unidade peso referido.

Combate às traças do figo

EM cuidada edição do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve e da Junta Nacional das Frutas, acaba de ser dada à estampa, pelo sr. engenheiro agrónomo José Horácio Franqueira, um estudo intitulado «como vivem e se combatem as traças dos figos» do Algarve.

Trata-se de uma pequena obra de divulgação que, apesar de se conter nos curtos limites de um folheto, não deixa de facultar ao agricultor os elementos indispensáveis para tomar consciência da necessidade de combater a autêntica praga das traças e dos meios de a combater.

Da atenção que for dispensada ao problema depende, em grande parte, poder o Algarve concorrer, nos mercados estrangeiros, com os figos de outra origem que, a pouco e pouco têm arredado desses mercados esse valioso fruto algarvio.

Nunca é demais chamar para este facto as atenções do produtor de figo.

Electrificação do concelho

ACABA de ser concedida à Câmara Municipal de Loulé uma comparticipação de 1.700 contos para a 1.ª fase da electrificação das freguesias de Boliqueime, Salir e Alte.

Esta comparticipação, solidada pela anterior gerência do Município, virá permitir que em breve se iniciem os trabalhos de electrificação daquelas freguesias rurais, para o que a CEAL tem já em condições de funcionar, a sua sub-estação desta vila.

Loulé do I. N. A. T. tenho a honra de pedir a V. Ex.ª que se dignar, no conceituado jornal que tão criteriosamente dirige, publicidade, à campanha de Rádio-Rastreo, que o Instituto, a que pertencemos, vai levar a efeito no concelho de Loulé, no mês de Setembro próximo, com o fim de radiografar a totalidade ou a quase totalidade da população.

Rogo a V. Ex.ª a fineza de chamar a atenção das populações para o que segue:

O RADIO-RASTREIO E:

- Um serviço de interesse para todos.
- Intelectualmente gratuito (podendo, no entanto, cada qual contribuir com a quantia que quiser e se quiser).
- Uma operação que se realiza em um minuto.
- Uma ocasião única para que cada um saiba do seu estado de saúde — e que não deve voltar a repetir-se nos tempos mais próximos.
- Um exame de carácter obrigatório para todos os indivíduos que manipulem produtos alimentares, isto é, para todos aqueles que necessitam do respectivo Boletim Sanitário. — Sómente neste caso, tal exame é pago, ao preço de 5\$00 para os empregados e de 10\$00 para os patrões.
- Um exame em que não há necessidade de se despirem, podendo-se, somente, o favor de não se apresentarem com medalhas, fios, botões, etc., ao peito.
- Um exame que dará,

(Continuação na 4.ª página)

LEMBRANDO

Faz hoje um ano que tomou posse de director clínico do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Loulé, o illustre médico nosso conterrâneo e hábil cirurgião, Dr. Manuel Soares Cabeçadas. Porque esse acto, solene, pelo muito sentido e comovente que foi, quer para a pessoa do empossado, quer para quantos tiveram a felicidade de estarem presentes e em cujos semblantes se notava nitidamente uma alegria e uma satisfação incontidas — vindo-se até em muitos rostos brilhar as sintações de lágrimas do mais alto contentamento e da mais elevada satisfação —; pela aquela «hora alta na vida da nossa Terra» — na expressão feliz dum dos oradores da sessão — adivinhando o que significava para Loulé aquela feliz deliberação da Mesa da Santa Casa e sobretudo aquele nobilíssimo gesto do empossado aceitando vir para a sua terra natal, também já berço dos seus maiores, disposto a entregar-se-lhe devotadamente, significaria que o concelho de Loulé estava de parabéns; eu, tomo a liberdade — certo que interpreto o sentir unânime de todos os louletanos e neste momento, sobretudo, o sen-



Dr. Manuel Cabeçadas

tir de todos quantos sobre a sua sábia e proficiente direcção têm vindo trabalhando e quantos das suas mãos e do seu coração receberam o lenitivo para a suavização das suas dores, o alívio na cura dos seus males e, daqueles — tantos eles já são! — a relativa certeza do afastamento da morte — para formular os votos sinceros de muita saúde para sua Ex.ª e também de muita

(Continuação na 4.ª página)

Algumas considerações a propósito de

«BARLAVENTO»

de Luís António dos Santos

Com um prefácio do escritor notável Domingos Monteiro, Luís António dos Santos publicou o seu primeiro livro, «BARLAVENTO», sub-intitulado «Histórias do Algarve».

A literatura regional algarvia, ao contrário do que acontece com as literaturas regionais de outras províncias portuguesas (ex: o Alentejo, com Fialho, Antunes da Silva e outros...), não é brilhante. Em número, muito poucas, as obras existentes que mereçam a designação de regionalistas. E a sua qualidade, o seu regionalismo, também não é, francamente, muito convincente. Os poetas algarvios, mesmo quando como João Lúcio, Bernardo de Passos, o próprio Emílio da Costa, se debruçaram sobre o seu Algarve, sobre a sua gente e a sua paisagem, ficaram sempre sensivelmente aquém da verdade acerca do Algarve. A nossa província é,

de facto, bela, o seu clima bonançoso, o seu povo bom por natureza — mas tudo isso não define a verdadeira paisagem humana, simples e ao mesmo tempo exuberante, essa verdadeira paisagem viva e dolorosa, sabendo a mar e a terra, que assoma na frente de cada algarvio.

BARLAVENTO, de Luís António dos Santos, intenta chegar lá. Mas falar dos homens e do ambiente que os cerca e forma é bastante difícil, porque sempre foi difícil definir a verdade verdadeira. Acima de tudo, do azul suave do céu ou da quietude nostálgica do mar, do perfume enebriante das flores ou da bênção do astro-rei, acima de tudo, existe o HOMEM, o homem e os seus problemas, o homem que ao contemplar-se se encontra estrume ou divindade, mas sempre homem, sujeito a uma infinidade de piparotes que o empurram para as rosas ou para o arame farpado. E esse homem, *rei-e-escravo*, que atravessa a terra com o seu sorriso e as suas lágrimas. E esse homem, e só esse, que deve transparecer na verdadeira literatura regional, literatura que deve ser mais do que um exercício literário, literatura que deve ser um verdadeiro documento humano. Por tudo isto são redondamente falsos os romances de Júlio Dinis e quejandos. O ro-

(Continuação da 3.ª página)

Concurso de pesca desportiva em FARO

Por iniciativa do Clube dos Amadores de Pesca de Faro, realizar-se-á no próximo dia 15 de Setembro, na Ria Faro-Olhão, um concurso de pesca desportiva, entre associados daquela colectividade, o que está despertando invulgar entusiasmo entre os simpatizantes da modalidade.

Entre os numerosos prémios em disputa — pelo menos 6 taças e 9 medalhas, todos eles bastante valiosos — avultam as taças «Governador Civil de Faro», «Câmara Municipal de Faro», «Junta de Província do Algarve», e «Fábrica Portuguesa de Baterias ARG».

Feira de Loulé

Com desusada frequência de público, realizou-se a habitual Feira de Agosto, nos dias 29 e 30.

Embora a iluminação e o arranjo do recinto continuem pouco atraentes, registou-se nesta ocasião uma melhoria que despertou alguma atenção, deixando antever aos louletanos o belo aspecto que o recinto poderá vir a ter, quando convenientemente aproveitado...

Isto, claro, enquanto não se encontre um lugar para realizar as Feiras em Loulé, mais condizente com os desejos do comércio e até do público.

ANO I

N.º 19

1 SETEMBRO

1957



Correspondência
para
Casimiro de Brito

Rua Bocage, 140
FARO

O BANHO

Um conto por José Guerreiro

Por volta de 1940 apareceu na Escola, tropego, um velho baixo, magro, de aspecto miserável, chamado Manuel.

Pela cor do rosto via-se que andava com fome. Os primeiros alunos que encontrou indicaram-lhe a cozinha. Arengando uma ladainha já sabida de cor, pediu ao cozinheiro que lhe matasse a fome. Habitudo a satisfazer as gulodices de quem lhe untasse as mãos, o cozinheiro insultou o velho. Ladrão consumado, era capaz de gastar num mês o dobro dos géneros se houvesse quem lho comprasse. Mas se um desgraçado se abeirava da cozinha e dizia que tinha fome — era assim. Recebia-o com uma pedra na mão.

— Vossa Excelência dê-me uma esmolinha.

Na minha frente estava o velho, desbarretado, com a mão direita estendida.

— Vossa Excelência dê-me uma esmolinha.

Vi logo que o velho tinha fome. Levei-o à cozinha. Resistiu com medo de lá voltar. Diante do prato os olhos tomaram brilho. Atirou-se à comida como um cão. Ficou empanturrado. O cozinheiro bem quíz recusar, mas não ponde. Devia-me dinheiro e favores. Saímos, depois, juntos. Antes de me separar reparei que o velho batia o queixo com frio. Levei-o a casa do ganhão para se aquecer ao fogo. Todos engraçaram com o velho. Era divertido. Esperto, soube explorar o ambiente começando a contar histórias. Quando me fui embora chamei o ganhão e pedi-lhe que desse dormida ao infeliz.

No dia seguinte esqueci completamente o velho. Dias depois entendi-o; andava a apanhar papoilas. Contou-me que assentara arrais na Escola. Alguém o levará à presença da mãe do director. Uma santa mulher. Arranjou-lhe autorização para esmolar entre os alunos e um buraco para dormir. Em breve o velho Manuel se tornou conhecido de toda a Escola. Devido a tratar repetidamente todos os alunos por vossa excelência, baptizaram-no por Tio Vossa Excelência. Fora em novo marinheiro e eram desse tempo as histórias que costumava contar. Tinha imensa piada. A rapaziada bem sabia que o Tio Vossa Excelência se fartava de mentir contando casos «reais» das suas viagens pelas sete partidas do mundo. Mas deixava-o contar. No fim, todos, mais ou menos, lhe davam qualquer coisa. Por vezes era interrompido com perguntas que lhe faziam. Nunca se arrelhiava e tinha imaginação para responder. Isso divertia-nos imenso. As histórias eram sempre contadas na primeira pessoa. Fazia sempre de herói.

— Bons tempos, Tio Manel?

— Ah! Nem Vossas Excelências queiram saber. Quem mos dera!

— Oh Tio Manel, conte aquela passada na China, quando um chinês o convidou a dormir com a filha.

Essa historietta era a sua coroa de glória. Ouvi-lha contar milhentas vezes. Nesses momentos, estou em crer, ninguém, na Terra, se poderia julgar mais feliz do que ele. Era a única narrativa durante a qual não ousavam interrompê-lo. Seria uma deshumanidade.

Tornou-se deste modo Tio Vossa Excelência uma figura simpátiqussima na Escola. Tinha, porém, um defeito: não se lavava. Cheirava mal. Porcaria amontoada nas pregas da pele.

— O Tio Manel não se lava? perguntavam-lhe alguns.

— Saibam Vossas Excelências que todas as manhãs lavo a cara. E que me ficou o hábito dos tempos da marinha de tomar banho.

Mentia descaradamente. O engraçado é que não se desmanchava. Tinha principiado a primavera e o tempo ia ainda frio quando resolvemos forçar Tio Vossa Excelência a tomar banho. Esperámo-lo de propósito.

— Viva Tio Manel.

— Boas tardes a Vossas Excelências.

Principiámos por dispo-lo bem. Oferecemos-lhe tabaco. Breve entrou nas histórias. E bem disposto. Eu é que tinha a consciência a roer-me por saber os martírios que dentro em pouco ele iria sofrer.

O Elói comunicou-lhe que tinha, lá em cima, no quarto uma prenda para lhe oferecer. O difícil era levá-lo lá a cima. Depois de lá estar o resto seria fácil — ainda assim teria de se empenhar a força para o obrigar a tomar banho. Nunca subira ao Colégio Velho, desconfiado e receoso de que o tratassem mal. Dessa vez, porém, como não fora interrompido em nenhuma das suas histórias e lhe ofereciam cigarros acedeu ao convite. Levou-o também a curiosidade. Toda-via foi o desejo de receber a esmola que o decidiu a subir. Imediatamente deu pelo logro e tentou fugir. Entre gritos gestos e ameaças conseguimos despi-lo. Introduzido no banheiro viu-se forçado a friccionar o corpo para suportar melhor a água. A chorar atirou-se á porta, mas nós tínhamos empedernido o coração e nada resultou. Mantivemo-nos firmes. Lavado, foi conduzido para o quarto do Elói onde o vestimos. Era outro quando saíu à rua. Tudo quanto vestia era novo. Roupas que nós tínhamos posto de lado e que lhe demos. Depois é que foi rir — na sua ausencia. Cada um recordava os pormenores do banho. Os gemidos, as súplicas e até os insultos. Cumprimos bem a nossa missão atribuindo ao acto a máxima seriedade. Em todo o caso o velho separou-se de nós zangado, ressentido.

— Não esperava isto de Vossas Excelências.

— Deixe lá Tio Manel. O banho faz-lhe bem. Até parece outro.

Dias depois demos pela sua falta. Atribuímos a ausência a provável ressentimento. Vistas as coisas não era caso para menos. E o certo é que nunca mais apareceu. A água era fria.

RECORTES

Estamos longe da época — era a da minha infância — em que esse querido e honrado Le Dantec professava que o egoísmo é a «única base de qualquer sociedade» e não via na sociabilidade humana senão «o sinal das deformações resultantes da vida em comum». Actualmente diríamos antes: o amor, única base de qualquer sociedade...

E este amor humano, que a ciência recolhe como um atributo essencial da espécie e nos aponta como sendo a base duma moral natural, este amor devido ao qual jamais devemos desesperar o homem, por muito inquietante que nos pareça o seu destino, não esqueçamos que foi e continua a ser constantemente necessário ao próprio progresso da ciência. Porque, se houvesse apenas a frota lógica e a insensível razão, a ciência não existiria. Com um pouco de exagero, podia-se ir ao ponto de afirmar que não há ciência completamente desprovida de consciência, porque não há ciência sem amor...

JEAN ROSTAND
in PODE-SE MODIFICAR
O HOMEM?

Publicações recebidas

PARA QUANDO FESTIVAIS DE ARTE EM PORTUGAL — por Humberto D'Ávila. (Cadernos do Tempo Presente).

PRIMEIRO DIALOGO SOBRE ARTE MODERNA — por José-Augusto França. (Idem, dirigidos por José Neves Aguas).

NOTÍCIAS DO BLOQUEIO — Antologia de Poesia.

ANTOLOGIA DE POESIA NOVA — Coimbra.

INCERTEZA — Poemas de Hanid Estela.

BARLAVENTO — de Luís António dos Santos — Histórias do Algarve.

O LIVRO DAS MIL E UMA NOITES — 3.º fascículo. Grandiosa publicação em fascículos da Editorial Estúdios Cor, com a colaboração dos maiores valores da nossa literatura, como tradutores da célebre obra oriental.

PAIXÃO DE MARIA GRUBBE — de J. P. Jacobsen. (Estúdios Cor).

LA QUEJA EN EL VIENTO — Poemas por E. L. Transít. GREI (contos), MORNA (contos de Cabo Verde) e A CASA DOS MOTAS (romance) de Manuel Ferreira.

TARDES DE OUTONO — Poemas de Maria Leonilde.

Marinha

Com suas mãos de espuma
as ondas vieram
plantar algas verdes
na praia deserta

Os barcos regressaram do mar alto
e as garças recolheram aos rochedos

A noite apercebeu-se do silêncio
e semeou as pálidas estrelas
no infinito

Mas sentado no cais ficou um homem
contemplando um navio que se afasta
e pensando na carta que esperava
e não chegou

Coimbra

Norberto Ávila



(Linóleo de Américo da Silva)

Ronda de Esperança

Malta das trincheiras
desta vida atribulada:

— Quando virá o Armistício?

Quando secará a lama

na alma dos combatentes?

Quando florescerá a esperança

frente aos olhos aturdidos?

Quando o estreitar das mãos

dos soldados destemidos?

Quando cicatrizará

a chaga da ignorância?

Quando se abrirá o céu

da fraterna compreensão?

Para quando a voz do canto?

Para quando a PAZ cantada?

Quando surgirá o fruto

dessa PAZ tão desejada?

Ah, malta das trincheiras

desta vida atribulada!

— Só nos restará esperar,

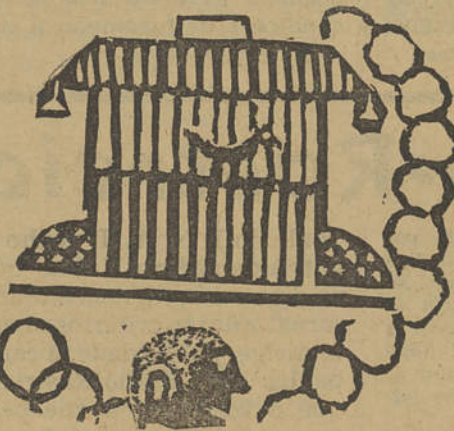
esperar

ESPERAR

ESPERAR

pelo fim de tal cansar?!

A. Vicente Campinas



POEMA

(Linóleo de Baptista)

De dentro da negra e triste cela, o presidiário
olha a rua.

Através das sinistras grades,

há gente que passa, rápida e veloz;

há lágrimas e ais, alegrias e prazeres,

satisfação e dor, estupidez e sabedoria;

cá fóra há liberdade,

cá fóra há vida, vida incompreensível,

vida misteriosa, cósmica, vida...

Da negra e triste cela o preso olha e contempla a rua,

muita gente passa, ri e chora,

bendiz e pragueja, vive e morre.

Ele conhece perfeitamente a sua cela;

sempre as mesmas paredes, as mesmas grades,

o mesmo catre; até os guardas não mudaram ainda!

Tem o corpo mais descarnado, mas a mesma alma.

E ele olha e contempla, contempla sempre,

contempla tudo:

As pessoas que passam, que correm, que fogem...

E o homem perante a Natureza é nada,

perante a vida é sonho... grão de areia.

Do homem livre resulta desgraça, só desgraça.

E neste mundo há montes de incompreensível,

de coisas estranhas, misteriosas...

E o homem é pó, é nada em liberdade,

porque de muito que vê nada conhece,

nada compreende.

O preso olha a rua e contempla tudo!

Ao menos ele conhece bem aquelas paredes,

aquelas grades, aqueles guardas.

Só conhece isto, mas bem,

muito bem mesmo.

E sente-se feliz por estar preso,

porque compreende alguma coisa. — O seu mundo.

Lisboa

António Maria Nunes Pereira

Impressões de leitura

Paixão de Maria Grubbe

Romance de Jens Peter Jacobsen

Quase completamente desconhecida do público português, a literatura dinamarquesa, está excelentemente representada na coleção Latitude, por este romance de J. P. Jacobsen — o grande escritor que, através duma vida literária curtíssima (faleceu aos 38 anos de idade, tuberculoso), legou ao seu país a sua mais representativa literatura.

Paixão de MARIA GRUBBE, romance situado no século XVII, época em que uma nobreza prepotente tudo dominava, é mais do que a história de uma mulher. Maria Grubbe passa, envolvida pelos condicionaisismos de uma existência difícil, e nela sentimos a Jane Eyre de Brontë ou a Madame Bovary de Flaubert. Jacobsen é o cirurgião de uma alma que criou, de uma alma que depois a ele se sobrepõe. E que mais pode desejar um artista, criador de personagens que depois, e só por si, definem e concretizam algo que existe, que parece existir, sem ninguém o ter criado? Do mesmo modo que Madame Bovary é superior a G. Flaubert, do mesmo modo que a galeria de figuras criadas por Balzac e por Zola, por Gorky e por Ibañez, se emancipam e criam raízes... esta Maria Grubbe, desejosa de amar e de ser amada, incompreendida e incompreensível, princeza e depois simples barqueira, esta Maria Grubbe é uma realidade que confunde o leitor, o excita e o prende como se se tratasse de imensamente mais do que uma simples personagem de romance.

Jacobsen, narrando a vida de uma mulher, é a vida que nos apresenta, difícil e pecaminosa, cativante e belíssima, como uma amarra de ouro que nos liga a este inevitável céu-e-inferno, ao mesmo tempo. Porque é na terra que existe, palpitante e palpabilíssimo, o nosso céu e o nosso inferno. E a amarra, se é de ouro, não deixa de ser amarra...

(Prefaciado por Jean Cassou e traduzido por Maria Franco, este 20.º volume da Coleção Latitude, dirigida pelo escritor algarvio Nataniel Costa, continua uma série de excelentes romances, dos maiores escritores de sempre, muitos deles completamente desconhecidos do nosso público).

Para quando festivais de arte em Portugal?

Por Humberto d'Ávila

Sim, para quando? Eis uma pergunta que nos coloca perante uma das lacunas mais importantes da nossa débil cultura. Todos os países cultos têm os seus Festivais de Arte, desde, os da América do Sul aos países nórdicos europeus. Nalguns desses países os seus Festivais tornam-se necessidade nacional, do mesmo modo que no nosso, o futebol. Sem dúvida o público que frequentaria as sessões de um Festival de Arte seria em parte diferente do público desportivo; mas também não resta dúvida de que o seu interesse cresceria imensamente de ano para ano. A Arte tem o dom da atracção — falta-lhe sim, aquela expansão necessária através da camada popular que, em abono da verdade, não está suficientemente preparada... Mas, e porquê? Vários problemas de várias ordens, em parte solucionáveis pelos Festivais de Arte.

Humberto D'Ávila, neste seu caderno, foca alguns dos aspectos inerentes à necessidade de Festivais de Arte no nosso país e à sua possível realização. Não vemos, de facto, senão vantagens no possível realização desses festivais. Não só porque a experiência dos outros países no-lo aponta, mas ainda porque é necessário convergir todos os esforços para que a nossa modesta cultura seja um pouco mais acarinhada. «Os artistas vivem isolados, desunidos, condenados a uma actividade individualista que só por falsa noção da missão do artista se pode julgar própria da sua condição. Falta-lhes um objectivo, uma finalidade comum para que sejam chamados a colaborar. Os festivais seriam como um polo atractivo para o seu real desejo de acção» (pág. 23). E nesta confrangedora verdade reside o fulcro do problema da arte em Portugal — a desunião dos artistas, provocada por largo número de dificuldades, faz deles não uma classe privilegiada como nos outros países (privilegiada porque verdadeiramente consciente da importância transcendente do seu papel na sociedade) mas... um pobre grupo de, mais do que incompreendidos, PERSEGUIDOS.

E contra esta situação que esperamos o necessário antídoto. Os Festivais de Arte, seriam em parte, um começo de solução.

Oportuníssimo pois, este caderno de Humberto D'Ávila, onde o problema é ventilado com notável devoção e conhecimento de causa. O Autor apresenta mesmo um plano de trabalhos para um possível Festival.

Não haverá por aí ninguém de peso e o suficientemente apto e consciente que se queira, que se digne, debruçar sobre um problema tão importante como este da não-realização de Festivais de Arte no nosso País?

(Coleção Cadernos do Tempo Presente).

Antologia de poesia nova

De Coimbra, chega-nos uma Antologia de Poesia Nova, onde colabora Moura de Mesquita, Pinto e Melo, Rui Mendes, Sampaio Marinho e Silva Marques, com desenhos de Hugo Lopes e Mário Silva. Caderno de poesia realmente nova, apresenta-nos cinco poetas em que encontramos afinidades.

A confiança do momento que passa, fé portanto, de Silva Marques; a contemplação repulsiva de Sampaio Marinho; o lirismo ao mesmo tempo ousado e esperançoso de Rui Mendes; o profundo desespero, (sensação de inutilidade?) de Pinho de Melo; a interpretação na vida que vai, de Moura da Mesquita... todos estes sentimentos, cantados por cinco poetas jovens, são a anunciação de uma integração activa na vida, não só poética mas real também. Enfim, esta antologia parece-nos um verdadeiro passo em frente, de encontro a um real poético, um pouco mais do que a procura da arte-pela-arte...

Não conhecemos obras anteriores destes cinco jovens, porém, esperamos confiadamente, terão bastante para dizer e no-lo dirão, certamente.

Notícias do Bloqueio

FASCICULOS DE POESIA (1)

Um grupo de poetas, de entre eles Egito Gonçalves, Papiniano Carlos, António Rebordão Navarro e Daniel Filipe, safu-se com esta excelente publicação de poesia, ambientada por um óptimo aspecto gráfico.

No primeiro fascículo colaboram Afonso Duarte, Carlos Drummond de Andrade, António José Fernandes, Papiniano Carlos e Egito Gonçalves — nomes suficientemente conhecidos dos nossos leitores, pela sua actividade poética. A capa deste 1.º fasc. é de Augusto Gomes.

Está já anunciado o 2.º fascículo, o qual será, sem dúvida, outro excelente facho poético.

NOTÍCIAS DO BLOQUEIO é distribuído só para assinantes, pelo que os interessados deverão dirigir a sua correspondência para: E. G., Rua de Santa Catarina, 840 — Porto.

Aconselhamos NOTÍCIAS DO BLOQUEIO aos nossos leitores e colaboradores.

Casimiro de Brito

«Loulé... em retrato»

Eu não sei que mais admire neste Hospital, se a comodidade das suas magníficas instalações, se o aceito impecável e esmerado que se respira nesta ala nova.

Batas brancas, esvoaçam pelos corredores no afã de levarem a cada um que sofre, um lenitivo ou analgésico para as suas dores, um penso ou tratamento que apresse uma crise, uma palavra de consolação ou de resignação que alimente uma esperança de melhoras.

O velho Maltesinho a quem o peso dos anos não restringe a actividade, descança por dois ou três minutos, para nos pôr ao corrente do serviço que vai aparecendo, das desgraças que vão surgindo, dos doentes que vão entrando. Mais um desastre de automóvel, ou de bicicleta a quem a motor, — neste tempo até os tratadores fazem partidas a quem com eles trabalha — pernas e braços partidas, cabeças abertas, maxilares fendidos, estomagos perfurados, estomagos perfurados.

E lá está o Maltesinho para dar uma injeção, fazer limpeza de estomagos, aplicar pensos, fazer ligaduras, sempre com boa vontade, uma palavra de consolação...

Ele e a Libania Marum — esta responsável por toda a Secção de Mulheres e até pelo material da Sala de Operações — têm de estar sempre a postos a preparar os pacientes, para, em última análise, irem parar às mãos do nosso Dr. M...

Constitui assim, o aparelho de preparação daquela humana matéria prima que se apresenta para o milagre do cirurgião, que, incansável, paira sobre todo o ambiente, como um génio de esperança e confiança, como um espírito salvador!

Há ainda os médicos assistentes, o bondoso Dr. Teodoro que parece estar sempre presente também neste hospital e o Dr. Ângelo que é certo em dias de operações.

De tempos a tempos, ouvem-se uns gritos mais afli-tos, retinam as campainhas e besouros mais estridentes, mais prolongadamente, e é gente que está a nascer, gente que entra na vida, neste hospital quase modelo, que é procurado como maternidade.

Passam as serventes de lenços brancos, os ajudantes dos enfermeiros, todos solícitos, todos apressados em colaborar nesta cruzada do bem.

Que grande exemplo de vida e solidariedade humana se respira nesta organização assistencial.

Quando há tempo escrevi se a Câmara não estaria a prejudicar a sua acção administrativa em benefício da Assistência, quando quiseram interpretar as minhas palavras como um ataque ao Dr. Cabeçadas, houve gente que não discerniu que esta pergunta era totalmente diferente, era positivamente, uma pergunta de sentido meramente económico-administrativo e que tudo, neste mundo, tem o seu lugar e a sua posição.

Não há dúvida que o Hospital precisa de ajuda, porque é uma obra que está erigida com o trabalho de muitos e a sorte com que Deus nos deparou um Director Clínico daquela proficiência e valor.

Mas o caso é outro. Ao Município estão reservadas outras funções e não pode exigir-se mais que o que ele pode dar.

O Hospital precisa de dinheiro e devemos ser nós, louletanos, quem tem de defender a maravilha que hoje possuímos.

Vote-se uma derrama — que aliás já foi votada —, organizem-se cortejos de oferendas, insista-se com a Direcção Geral de Assistência mostrando que o Sub-Regional de Loulé é um dos elementos que se impõe com razões de preferência sobre qualquer outro, demonstrando com números e elementos estatísticos o seu grau de responsabilidade perante a população do maior e mais populoso concelho algarvio.

«»

Quarteira continua na mesma do ano passado. Afora as águas, o Largo das Camionetas, o Mercado e outras tantas coisas feitas pela Câmara anterior à actual, apenas demos notícia de uma macadamização precária de três ou quatro ruas.

Enquanto o Turismo estiver a sobrecarregar-se com encargos que são mais de natureza municipal que de indole turística, como a luz e a limpeza não haverá vitória.

Há anos que prégamos no deserto. Libertem o Turismo de encargos, estabeleçam um íntimo e estreito contacto com a Câmara e só assim Quarteira poderá melhorar. Enquanto cada um quiser mandar por seu lado, nada feito.

«»

Esquecia-me de dizer que há algo de novo em Quarteira. É uma taboleta que pomposamente chama a instalações sanitárias, ou, mais portugalmente, sentinas, eufemisticamente: «Servi-

Barlavento

(Continuação da 1.ª página)

mantismo, apesar da sua beleza formal, estética, jámais pode ser uma literatura do futuro, precisamente porque, sem carácter histórico propriamente dito (apenas carácter histórico-literário), não nos apresenta um passado exacto, mas um passado mascarado de mentira. Como se a verdade não fosse infinitamente mais bela, mesmo quando dói...

Ora, BARLAVENTO, não está nestas condições, embora também não seja o verdadeiro documento regional, humano, para que uma literatura regionalista autêntica se concretize no nosso Algarve.

Neste livro não existe ainda a sombra do homem algarvio, bicho-da-terra ou lobo-do-mar, como ele é, na sua força e na sua pequenez no seu eu integral e complexo, não, esse homem, ainda não foi pincelado devidamente. Mas, este livro, também não nos apresenta esses romantismos descabidos, tanto do agrado de certos escritores, artistas talvez, mas criadores de uma arte errada — embora se apregoe que a arte nunca é errada, no que concordo quando a interpretamos apenas como arte, e não como elemento ao serviço de uma evolução exterior necessária. A arte que evolua, em si, mas mais importante do que ela, deve ser o parapeito sobre o qual ela se debruça — ou pelo menos se devia debruçar.

BARLAVENTO é pois, um dos primeiros (1) livros a considerar, para a formação de uma estante essencialmente «regional». O que não obsta a que opine que a nossa literatura regionalista ainda não é uma realidade. O livro verdadeiramente algarvista ainda não apareceu (pelo menos não o conhecemos, ainda), mas este BARLAVENTO pressupõe que, possivelmente, ele aparecerá brevemente.

Mas falemos do livro. É a história de uma família que o autor pretende ser algarvia. Como os factos estão apresentados, ela podia ser de outra qualquer região que as suas atitudes não seriam muito diferentes. A diferença da maneira de ser dos algarvios em relação aos outros homens, e essa diferença existe sem dúvida, não está na acção, não está nas peripécias porque o algarvio-modelo pode passar. Nas peripécias não... no modo de as conduzir, sim. É aqui que achamos que o Autor de BARLAVENTO falhou. As aventuras da família Gramacho são-nos contadas através de várias histórias, todas elas ligadas, dando-nos a ideia de que estamos a ler um romance. Mas, o que têm essas aventuras de estritamente algarvio? Se qualquer outro homem, de qualquer outra terra, por elas podia passar? Onde existiria o estritamente algarvio, seria nas introspecções sentimentais das suas personagens. Mas introspecções ninguém as vê, em todo o livro...

No entanto este volume agrada a quem o ler. Se o leitor não for algarvio achará o enredo com bastante interesse, que o tem. O livro consegue prender o leitor, pois o Autor dotou-o de várias cambiantes que, além de muito variadas, são sem dúvida interessantes: a luta com o mar duran-

cos Sanitários», o que pode induzir muitos visitantes a procurar as sentinas para lavarem uma injeção ou fazer um penso para uma ferida.

Reporter X

te uma tempestade; a transformação de um pescador em lavrador; um filho que vai para a pesca do bacalhau e depois de um temporal vai dar a um late onde uma lady o deseja sensualmente; um José que deseja possuir uma louca e a procura num momento crítico de loucura; a mesma louca, que mata o mesmo José; o noivo da referida louca que vai ao banco dos réus acusado de assassinio; um oficial que no momento oportuno aparece no tribunal para afirmar que o acusado é um herói; uma casamenteira que prevê casamento à légua; uma brucha das más; uma briga de pescadores; um padre com ar de santinho... enfim, tudo isto o Autor juntou no seu livro, tornando-o interessante... para quem adora muitos enredos e sensações diferentes! Mas não é aqui que reside o algarvismo do livro de Luis António dos Santos.

Onde ele existe, e numa dose muito importante, contribuindo para o enriquecimento da literatura regional da nossa provincia, é no descritivo de ambientes. As personagens que passam por estas páginas, dificilmente são cem por cento algarvias. Mas na descrição ambiental o Autor atinge um plano aceitável. Desfilam através do livro toda uma série de termos regionais, sonantes, que para grande parte dos leitores do resto de Portugal soarão com a mesma originalidade dos termos brasileiros, cantantes e arredondados. O que nos enaltece bastante, pois uma preciosa parte destas palavras, mais do que portuguesas, algarvias, por aí circulará bem delineada, considerando que o Autor não se esqueceu de acompanhar BARLAVENTO de um Glossário, neste caso indispensável.

Pena foi que os algarvios, (continuando a chamar-lhes algarvios), deste grupo convergente de histórias, não falasse tal qual aqui se fala, o nosso português.

Em qualquer dos casos, a publicação de BARLAVENTO veio muito a propósito, já porque ao contrário de que se afirma desmedidamente, o Algarve não é muito pródigo em autores. Está pois de parabéns, o Escritor Luis António dos Santos, pelo seu trabalho BARLAVENTO, «Histórias do Algarve».

Casimiro de Brito

(1) Num próximo artigo referir-nos-emos a outras obras de interesse — a considerar como elementos para uma literatura regional algarvia.

PIPAS

Compram-se em bom estado.

Informa a redacção deste jornal.

FORTE DA PIPA

ARRENTA SE esta propriedade. Enviar propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira—Rua Ataíde de Oliveira, 106—FARO.

Reserva se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

Os louletanos e o Algarve

(Continuação da 1.ª página)

queles que se prendem com o desenvolvimento e progresso da sua terra. Efectivamente, sem desprimor para os habitantes das cidades e das restantes vilas algarvias, é de flagrante justiça salientar o entusiasmo vibrante com que o louletano vive e colabora nos problemas da sua terra. Pode haver, aqui ou ali, certa divergência de credo político, todavia, nunca tal circunstância constituiu impasse à consecução de fim útil a Loulé.

Que assim é, atestam-no um hospital com um serviço e instalações verdadeiramente exemplares, as batalhas de flores que a vila oferece anualmente pelo carnaval, a escola técnica de criação assegurada, os construtivos artigos deste jornal e, tantos outros factos que são, sem imodéstia, o orgulho desta vila algarvia.

Acontece porém que, o louletano, não confina apenas a Loulé a sua ância de progresso; o seu desejo de mais e melhor, colaborando ou sugerindo, revelando um compreensível maior ardor nos casos de Loulé, tornou-o extensivo ao resto da provincia.

Constitue disso prova eloquente o vigor de alguns louletanos ilustres na defesa de Sagres ao direito de lá ver edificado o falado monumento ao Infante. Outros casos se poderiam citar, contudo, preferimos anotar aquele e um outro de data bastante recente mas igualmente bem expressivo: Comentavam alguns louletanos da mais fina âmia, penalizados, o facto da Emissora Nacional haver cessado de informar a temperatura da água da Praia da Rocha, após o noticiário das treze horas, continuando porém a fazê-lo quanto ao Estoril e Espinho. Sabida a excelente temperatura que naquela praia sempre se verifica e que é de longe melhor que as aludidas no referido noticiário, rejubilaram os mesmos quando se aperceberam da eficácia de tal propaganda. A breve trecho porém cessou tal satisfação com a omissão da notícia. Da palavra à acção foi um instante e ei-los, cada um, dizendo do seu pensar, por escrito, ao dirigente daquela estação oficial.

Ignoramos até que ponto tal atitude influíu e se influíu no ocorrido, contudo, apraz-nos registar que já se ouve de novo, àquela hora, a desejada informação...

É certo que não estava em causa Loulé e sim a praia

Corrente Calamo

Intermediários

(Continuação da 1.ª página)

semelhantes aos do segundo.

Questão esta sempre grave, é um fenómeno cujo englobamento cabe ao vasto problema das aparências. Isto, geralmente falando. No caso vertente — e concretizando —, o factor *superfluidade* assimilar-se-á a uma forma larvada de *desemprego*. E' o desemprego oculto.

Se nós dissermos que um qualquer país tem gente em excesso na burocracia estadual, ou no comércio — funcionários a mais, empregados a mais —, evidentemente, estamos a falar de desemprego. Como ainda a desemprego disfarçado ou oculto se referirá quem disser que aquele trabalho agrícola que no nosso país ocupa 1 milhão e 500 mil pessoas [metade da nossa população activa] poderia ser satisfeito por 1 milhão e 100 mil ou 1 milhão e 200 mil. Logo, estão desempregados 300.000 ou 400.000 dos indivíduos que agricultam a terra.

Este é, para o nosso esquema, o terceiro tipo de intermediários. Aqueles que o constituem estão, com efeito, no espaço que *medeia* entre o fim atingido (em qualquer hipótese) e os recursos precisamente suficientes para o alcançar (no caso, as pessoas ocupadas se houvesse não desemprego).

Porque consideramos, em matéria económico-político-social, particularmente gritante este aspecto, aliás sumariamente aludido, continuaremos a fazê-lo objecto do nosso pensamento, e esperamos não deixar de voltar a dedicar-lhe mais um pouco de merecido reflectir — já que, ao que julgamos, *contribuindo para equacioná-lo e resolvê-lo, todos não seremos demais*.

R. GESMO

Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apoz obras de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2. — Armazem muito espaçoso, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, contornando para a Av. José da Costa Mealha.

Tratar com o proprietário António Francisco Contreiras.

da Rocha, mas nem por isso o brio desta combativa gente deixou de se ressentir do que consideraram uma injustiça a uma terra algarvia que, como tal, era digna da sua atitude. Sotavento, Barlavento e Loulé, sim! mas com a presente elevação e sem qualquer tom depreciativo.

Manuel Mendes Gonçalves

Cada vez lhe ardia mais forte este desejo. E pacientemente, hoje um bocadinho, amanhã outro, ao mesmo tempo que embalava o berço do filho, foi cavando um buraco numa viga e arranjou um batoque que se ajustasse perfeitamente ao buraco, aspergiu-o com água benta, pôs um martelo à mão para o que desse e viesse e entregou-se às orações próprias de dia e de noite para que Deus lhe desse forças para agir. Mas a carne muitas vezes pode mais que o espírito e o sono tomava conta dela, sonhava então que sob os anéis fúlvos do cabelo do filho andava a aranha maganamente a brincar; acordava sobressaltada e apenas encontrava as faces luminosas da criança que vê o seu Anjo da Guarda em sonhos, e sorri com todo o seu rosto carminado e pequenissimo. Mas a inquietação não a deixava e por todos os cantos da casa lhe parecia reflectirem o seu brilho mau, os olhos da tecedeira de fios tão tenebrosos.

Após tantas e forçadas vigílias as suas pálpebras pesaram e os seus olhos mergulharam-se em profundo sono, envolvendo-a numa noite em que viu o falecido pároco a correr esbaforido, lá muito ao longe em salvação da criança e a gritar: «Inimigo lá vistas!» «Desperpeta, mulher!» Três vezes assim gritou e só a terceira ela se soltou violentemente dos apertados braços do sono; mas quando conseguiu a muito custo erguer as pesadas pálpebras viu, lenta e rebrilhante de maldade, a aranha a mover as suas pernas pelo bercito a caminho do rosto do inocente.

Com uma angústia infinita, mas cheia de confiança e energia, e sem desviar o pensamento de Deus, agarrou com mãos firmes o insecto que, como não podia deixar de ser, se defendia, espalhando através do braço daquela fiel mãe todo o veneno de fogo que trazia consigo. Mas a fidelidade de mãe e o amor de mãe fecharam aquela mão com tanta força, como se uma mola poderosa a estivesse a segurar; e Deus deu-lhe ainda forças para aguentar assim a mão. Na sua incomparável ousadia, foi amachucando, enrolando dentro da mão, entre dores agudissimas e mortais, a causadora de tantos males, e depois forçou-a, empurrou-a para o buraco, mas o bicho fincava-se na entrada e só a muito custo conseguiu empurrá-lo de vez e colocá-lo rapidamente o batoque que pregou com força.

Da viga rumorejavam sons iguais ao do mar a sussurar sobre uma caverna e a casa tremia pelos alícerces, mas a aranha estava presa e bem presa.

Apesar de mortalmente ferida no corpo, a pobre mãe ainda teve tempo de agradecer a Deus a salvação do seu filho e nesse mesmo dia Deus dissolveu os seus tormentos, mandando anjos acompanhar a sua alma grande até onde estão todos os heróis que oferecem a sua vida a favor dos outros e tudo arriscam por Deus e pelos Seus.

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 25

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

E assim terminou a Morte Negra. E a vida e a tranquillidade regressaram ao vale. Nunca mais ninguém tornou a ver a aranha porque estava prisioneira naquela viga onde ainda hoje se encontra.

«O quê? Naquella madeira negra?» gritou a madrinha, dando um salto, como se estivesse sentada sobre um formigueiro. E que tinha estado sentada sobre aquele cépo antes de ir para o quarto. E agora sentia calor nas costas, olhava para traz e esfregava com a mão para baixo e para cima. «Ai! que sinto a aranha no meu pescoço», dizia ela com certo nervosismo. Também aos outros se contraíu o coração mas o avô mantinha-se calado. Um silêncio opressivo dominava o ambiente; a zombar ninguém se atrevia, nem cairia bem; cada um gostava mais que outro falasse para não ser ele próprio a orientar a conversa e ter menos probabilidades de errar. Apareceu a parteira, que já tinha chamado várias vezes sem obter resposta, ofegante, com o rosto a arder em vermelhidão, como se a aranha se tivesse arrastado por cima dela, e desatou a resmungar que bem podia faltar-se de chamar que era o mesmo que chover no molhado. «Mas que gente está», continuava ela nas suas murmurações, ninguém quere ir para a mesa e só quando tudo estiver estragado é que se lembram. Eu não tenho culpa, que se governem. E então uma carne tão boa e tão gorda como a que está lá dentro, que se não poderá tragar quando estiver fria, porque é nociva à saúde.

Os convivas foram-se chegando por fim, mas com o ar de pessoas que não têm pressa, e todos disfarçando aquilo que sentiam; e como nenhum tinha vontade de ser o primeiro a chegar e ver-se isolado no caso, o avô teve que se adiantar. Desta vez já não era bem aquela praxe habitual passar os de maior categoria, era o receio de de todos se apoderou de que iriam entrar num antro sinistro, que afinal nada continha de horroroso. Brilhavam alegremente sobre a alva

toalha, cheias há pouco, garrafas de vinho a servirem como tochas aos presentes que pulavam para os olhos. Rodelas de pão doce, pratos com tâmaras quase em cima de pires com variedades de dogaria e tudo em garrida profusão a envolver os bulezinhos do delicioso chá, tudo ali raíava como um sol, mas ninguém lhe dava um real de atenção, todos olhavam de esguelha para os cantos da casa, não fosse a aranha aparecer em qualquer parte, ou mesmo encandear-los de cima dos apetitosos presuntos com os seus olhos coruantes. Ninguém a via, mas os brindes não se faziam e das bocas só saíam palavras deste teor: «Comer mais? Quem pode pensar nisso- Já se comeu mais do que o suficiente. Para quê essa trincadeira toda sobre a mesa?». E todos se iam empurrando e aconchegando sobre o outro lado da mesa, sem que ninguém se movimentasse para a cabeceira. Debalde se apontavam aos convidados os lugares de cima todos vazios; não havia maneira de os demover; em vão o padrinho servia o vinho e dizia que se chegassem para se começarem as saúdes. Para os tirar daquela modorra; o padrinho pegou na madrinha pelo braço e disse-lhe: «Sê tu a mais espirituosa para dar o exemplo». Mas com toda a força que não era pouca, a madrinha repeliu e disse: «Por nada desta vida me sentarei ali do lado de cima. Já sinto coisas/esquisitas pelas costas, ora acima ora abaixo, como se andassem a varrer-me com urtigas. E se ali me sentasse em frente da pedra, sentiria a aranha sem cessar no pescoço».

«Quem tem a culpa disto tudo és tu—disse a avó para o marido—em trazer estas coisas á baila. Disse já hoje se não gasta e só pode prejudicar a casa. Se um dia as crianças vierem da escola a choramingar, foi porque as outras lhe lançaram em rosto que na sua casa havia uma bruxa fechada numa trave. Ora aí tens o resultado das tuas histórias».

«Sossega, mulher», disse o avô plácidamente, «hoje ninguém se lembra disso, nem já há aquela memória que dantes havia. Puxaram-me pela lingua e é melhor que esta gente saiba a verdade, do que pôrem-se para aí a fantasiar. Mas vamos, sentem-se por que, Oh! mais de mil vezes me senti aqui sem hesitação alguma e, como estão vendo, sem perigo nenhum. Só quando subiam em mim maus pensamentos que podiam ser joguetes na mão do diabo é que tinha a impressão de sentir atrás de mim um rorronar como dum gato animado pelo afagar do pelo, e a subir-me pela espinha acima um calor invulgar. Fora isto, tem-se conservado ali dentro quietinha como um rato, e enquanto aqui fora não nos esquecermos que há Deus, ela tem que esperar ali dentro».

(CONTINUA)

Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido
por Lei, vendem-se na
Gráfica Louletana

LOULÉ

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Setembro:

Em 1, as meninas Olga Margarida Pires de Barros, Maria Emilia Costa Mendes, Ana Maria Oliveira e Sousa, as sr.^{as} D. Maria Margarida Polinas Bolotinha, D. Joana dos Santos da Mata Pereira, residentes em Lisboa, e o sr. Amílcar Barros Carrilho.

Em 2, o sr. Dr. Mário da Costa dos Santos Vaz e a sr.^a D. Lúcia Dias Coelho Cabanita.

Em 4, a menina Rosa Maria Pinguiha de Sousa e o menino Sérgio Carapeto Corpas.

Em 7, a sr.^a D. Maria das Dores Dias Anastácio e o sr. José Dias Pereira, residente em Lisboa.

Em 8, a menina Maria Alda Cavaco de Sousa.

Em 9, a sr.^a D. Rosa Maria Viegas Gonçalves e o sr. António Manuel Marques da Costa Rocheta, de Lisboa e o menino José Manuel Vairinhos Martins.

Em 11, a sr.^a D. Elisabeth Sequeira da Silva e Costa e o sr. José Lourenço de Sousa, residente na Venezuela.

Em 12, a menina Maria Salomé Mendonça Pinto, residente em Rio Seco — Faro, e o sr. Joel Ferreira Duarte, residente em S. João do Estoril.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Regressou de Itália, onde foi de visita à sua terra natal, o nosso estimado amigo Reverendo Padre Luiz Celato.

— De visita a sua família, esteve entre nós, com curta demora, o sr. Dr. Joaquim Pizarra.

— Vinda de Lourenço Marques, onde há anos reside, encontra-se em Loulé a nossa conterrânea e estimada assinante sr.^a D. Rosa Marçal Mendonça.

— A passar a estação calmosa, encontra-se entre nós, acompanhada de seus filhos, a sr.^a D. Laurinda Pinheiro Guerreiro, esposa do nosso prezado assinante e amigo sr. Francisco Rodrigues Guerreiro, residente em Lisboa.

— Acompanhado de sua família encontra-se em Boliqueime a passar as suas férias, tendo estado em Loulé, o nosso estimado assinante e amigo sr. António da Ponte Rodrigues, funcionário judicial em Lisboa.

— Acompanhado de sua esposa, a nossa conterrânea sr.^a D. Aida Martins de Matos, encontra-se em Loulé em gozo de férias o Inspector de Finanças sr. Alfredo de Matos, que se faz também acompanhar de sua irmã sr.^a D. Celina de Matos, e de sua prima sr.^a D. Constança Martins Seruca.

— Para a sua habitual cura d'água, partiu há dias para o Norte o nosso prezado amigo e colaborador sr. José Ferreira Torres.

GENTE NOVA

— Filomena Maria, é o nome que recebeu a robusta menina que no dia 27 p. p. veio enriquecer o lar do sr. Haduindo da Silva Xabregas Santos, funcionário judicial nesta comarca e da sr.^a D. Maria de Lourdes Pinto Leal Santos.

— Também se encontra em festa desde o dia 25 de Agosto, o lar do casal Daniel de Brito da Mana e da sr.^a D. Cesaltina Viegas Gonçalves de Brito da Mana, com o nascimento de um pequerrucho que na pia baptismal recebeu o nome de Joaquim José.

Aos felizes pais os nossos parabéns, com votos de longa vida para os seus descendentes.

COMPRA-SE

Cama para criança em 2.^a mão.

Nesta redacção se informa.

Câmara Municipal de Loulé

A VISO

Torna-se público de que no dia 4 do próximo mês de Setembro (4.^a feira), pelas 17 horas, no Governo Civil de Faro, é conferida a posse do cargo de Presidente desta Câmara Municipal ao Ex.^{mo} Sr. José João Ascensão Pablos que, desde há tempo, vinha desempenhando as funções de Vice-Presidente desta mesma edilidade.

Dá-se público conhecimento deste acto para que, quantos a ela desejem assistir, tenham oportunidade de, com a sua presença, testemunhar ao empossado o seu apreço e amizade.

Paços do Concelho de Loulé, 29 de Agosto de 1957

Designado para exercer as funções de Presidente da Câmara, nos seus impedimentos,

O VEREADOR

Dr. Manuel Mendes Gonçalves

LEMBRANDO

(Continuação da 1.^a página)

felicidade que aliás o autor destas modestas e descoloridas linhas sabe bem a que sua Ex.^a só a encontra no trabalho a que se devotou, empurrado pelos impulsos do seu nobre e cristianíssimo coração.

Bem haja, pois e bem hajam também todos os louletanos que estou certo se associarão de alma e coração a todos os seus esforços no prosseguimento, calmo, metódico e eficiente, para uma maior grandeza do nosso Hospital.

Sei, pelo convívio de alguns minutos, que por vezes dispensa a este seu modesto amigo, tirados ao afã do seu labor e dos seus estudos, que aquilo que de momento e para já lhe daria enorme satisfação, e para si constitui ambição constante, seria o restauro da parte velha e antiquada onde estão instalados os serviços e enfermarias dos doentes do sexo masculino, completando-se o bloco hospitalar. Estou certo que esse seu desejo será em breve satisfeito, por estar certo que nem o povo de Loulé e do seu concelho, nem as autoridades administrativas regatearão esforços para levar a efeito essa obra, que, aliás, se impôs, acabando de vez com o acabrunhante aspecto dessa ala esquerda do nosso Hospital, cujo contraste resulta agora mais profundamente quer pelo confronto com a parte nova do Hospital quer ainda pelo movimento que a sábia direcção e indiscutível valor profissional de S. Ex.^a têm feito multiplicar.

R. A.

PENSÃO

Casa particular em Loulé, dá pensão a alunas do colégio ou a empregadas, para serem tratadas como família.

Nesta redacção se informa.

HORTA

Vende-se uma horta com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e ramada, na Campina de Cima.

Nesta redacção se informa.

PRÉDIO

Vende-se um prédio situado na Senhora Santana, desta localidade. Tratar com o Banco do Algarve — Faro.

Inauguração do Monumento ao Poeta Bernardo de Passos em São Brás de Alportel

A Comissão Executiva do Monumento a Bernardo de Passos aprovou, na sua última reunião, o programa das cerimónias da inauguração do dito Monumento, em 15 do corrente mês, na terra natal do poeta, S. Brás de Alportel, e da respectiva entrega à Câmara Municipal. Presidirá aos actos o Ex.^{mo} Governador Civil do Distrito.

A todos os admiradores do notável poeta que ainda desejem contribuir com donativos a favor de tão simpática homenagem, a Comissão agradece o urgente envio dos mesmos para a Casa do Algarve, rua Capelo, 5-2.^o ou a sua comunicação pelo telefone 23240, com indicação do nome e morada onde poderão ser recebidos.

Uma cópia da relação de todos os subscritores será entregue, com o Monumento, à Câmara Municipal de Alportel.

TUDOR

A melhor bateria para automóveis, rádios, aero-dinamos, etc..



Não comprem sem consultar os nossos preços.

O vendedor oficial JOSÉ GUERREIRO MARTINS RAMOS.

Rua de Portugal, 31
LOULÉ

Trespasa-se

Estabelecimento comercial, de mercearias e vinhos, com toda a existência e mobiliário. Informa esta Redacção.

Precisam-se

Angariadores para venda de rádios e outros artigos. Boa comissão.

Dirigir-se a José Guerreiro Martins Ramos—Rua de Portugal, 31 — Loulé.

Propriedade

VENDE-SE propriedade com casas de habitação e anexos, com muito arvoredo, no sítio de Poço Novo — Almancil. Tratar com Francisco Viegas, Poço Novo — Almancil

SE DESEJA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de JOSÉ DE SOUSA PEDRO

Rua 5 de Outubro, 29

LOULÉ

850 LIVROS

De várias colecções, em bom estado. Vende só na totalidade: Rogério Pereira Marcelino — Avenida Marçal Pacheco, 4 — Loulé.

Rádio Rastreio

(Continuação da 1.^a página)

eventualmente, aos que estiverem doentes, toda assistência de que vierem a carecer inteiramente gratuita.

h) — Condicionado pelos seguintes horários:

Em Loulé — de 3 a 11 de Setembro, das 9 às 13 (junto ao Monumento a Duarte Pacheco).

Em Quarteira — de 3 a 11 das 21 às 24 horas — (Junto às Esplanadas da Praia).

Em Boliqueime e Almancil — de 12 a 16 das 9 às 13 e das 21 às 24.

Em Alte — de 17 a 20, o mesmo horário.

Em Querença — dias 21 e 22 o mesmo horário.

Em Salir — de 23 a 25 o mesmo horário.

No Ameixial — no dia 26 o mesmo horário.

O camion do Rádio Rastreio demorar-se-á, depois, mais 5 dias no nosso concelho para se deslocar onde, eventualmente, fôr necessário.

Como Louletano que também sou, e que me prezo de ser, guardo, sinceramente, o melhor acolhimento e entusiasmo por parte do povo deste concelho, para que a iniciativa, a todos os títulos notável, do Governo da Nação, tenha a devida compensação em rendimento social e sanitário.

Antecipadamente grato, creia-me V. Ex.^a inteiramente ao dispor.

Loulé em 24 de Agosto de 1957

O Director Interino do Dispensário de Loulé do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos

Armando José R. Cassiano

Actividades da Casa do Algarve

A Direcção da Casa do Algarve deliberou, na sua última reunião:

- Dar a sua concordância à redacção das mensagens de saudação que vão ser enviadas pelas Casas Regionais, em colaboração com a Revista Documentário Luso-Brasileira «Duas Pátrias», ao sr. Presidente da República do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, na passagem do seu aniversário natalício, em 12 de Setembro próximo, e à Federação das Associações Portuguesas ali existentes;
- Promover as diligências necessárias para a construção de uma memória, no cemitério de Ferragudo (Lagoa), em homenagem ao grande escritor algarvio, académico e diplomata, Dr. Coelho de Carvalho, e louvar o presidente da Junta de Freguesia daquela localidade, sr. Arnaldo de Almeida Palamo, pelo alto espírito cívico com que tem carinhosamente velado pela conservação da sepultura do referido escritor;
- Fazer-se representar nas cerimónias a realizar em 15 do mês de Setembro próximo, em S. Brás de Alportel, pelas 10 horas, sob a presidência da sr. Governadora Civil de Faro, para a inauguração do Monumento ao poeta Bernardo de Passos e sua entrega à Câmara Municipal de Alportel.

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»
das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67

LOULÉ

Os Cafés

(Continuação da 1.^a página)

não pode deixar de ser em tais pessoas.

Se sucede um visitante chegar à terra e que, por hábito ou necessidade, tenha de entrar em tal antro, começa de olhar para a direita, para a esquerda, para a frente e para traz enche-se de espanto, de nojo e de pavor e não tarda que saia horrorizado, receoso do lugar em que está. Sobretudo se é uma senhora.

Quando se liberta desse pesadelo e vai noutra terra recuperar o sangue frio e respirar mais fundo, medita um pouco consigo mesmo e diz... — do que eu me livre!!! Se lá me desculdo mais algum tempo, o menos que me tirariam seria a carteira ou o porta-moedas, tal o aspecto que apresentavam.

Não tem razão de receio o turista, o visitante. São pessoas inofensivas as que viu. Boas pessoas até. São apenas porcas e descuidadas. Não sabem frequentar um café, nem ninguém lhes ensinou. Tal como andam nas cavalariças, nos currais, nas ramadas, nos fumeiros, nas oficinas vêm para o café, que o bom nome da localidade não é assunto que os preocupe e ignorantes e obtusos como são, a mais não chega o seu entendimento.

Não exageramos nada no que apontamos. Quem quer pode verificar que as coisas se passam tal qual aqui apresentamos e até pior, que por decoro, calamos.

De quem a culpa?

De um conjunto de circunstâncias entre as quais a falta de policiamento desses estabelecimentos. Não que os polícias ali vão para multar, mas especialmente para que, com a sua presença atemorizem certos clientes e a frequência seja mais cuidada no falar, no vestir e no apresentar-se em público.

Achamos que as autoridades têm o dever de olhar pelo bom nome das terras. Nada pior do que os cafés mal frequentados, com os assistentes sujos, mal barbeados, fétidos a suor e a esturme, com os fatos em desmazelo, completamente enxovalhados, mais próprios de estarem num estábulo ou numa estrebaria do que à mesa ou na esplanada de um café.

A terra tem-se degradado muito ultimamente por falta de quem olhe por estas coisas, de quem zele o bom nome e o aspecto da vila, e, de degrau em degrau chegámos à maior baixexa.

Tivemos há pouco um assomo de dignidade, acabando com uma filarmónica incipiente que se exibia à porta dos cafés. Porque se não continua no caminho encaçado? Não seriam poucos nem de somenos valor os louvores que os habitantes envergonhados, achincalhados e deprimidos teceriam a quem tomasse o encargo de fazer voltar a vila àquele grau de esplendor e distinção que já foi seu apanágio. Porque se há-de continuar numa «apagada e vil tristeza» que só nos apouca e envergonha no concerto das mais localidades?

Será preciso carregar mais nas tintas?

Creemos que não.

Solimão Fagundes

Trespasa-se

a antiga

Pensão CASTANHO
LOULÉ

KODAK

STERLING — Nova com bolsa de cabedal. Vende-se em conta.

Nesta redacção se informa.